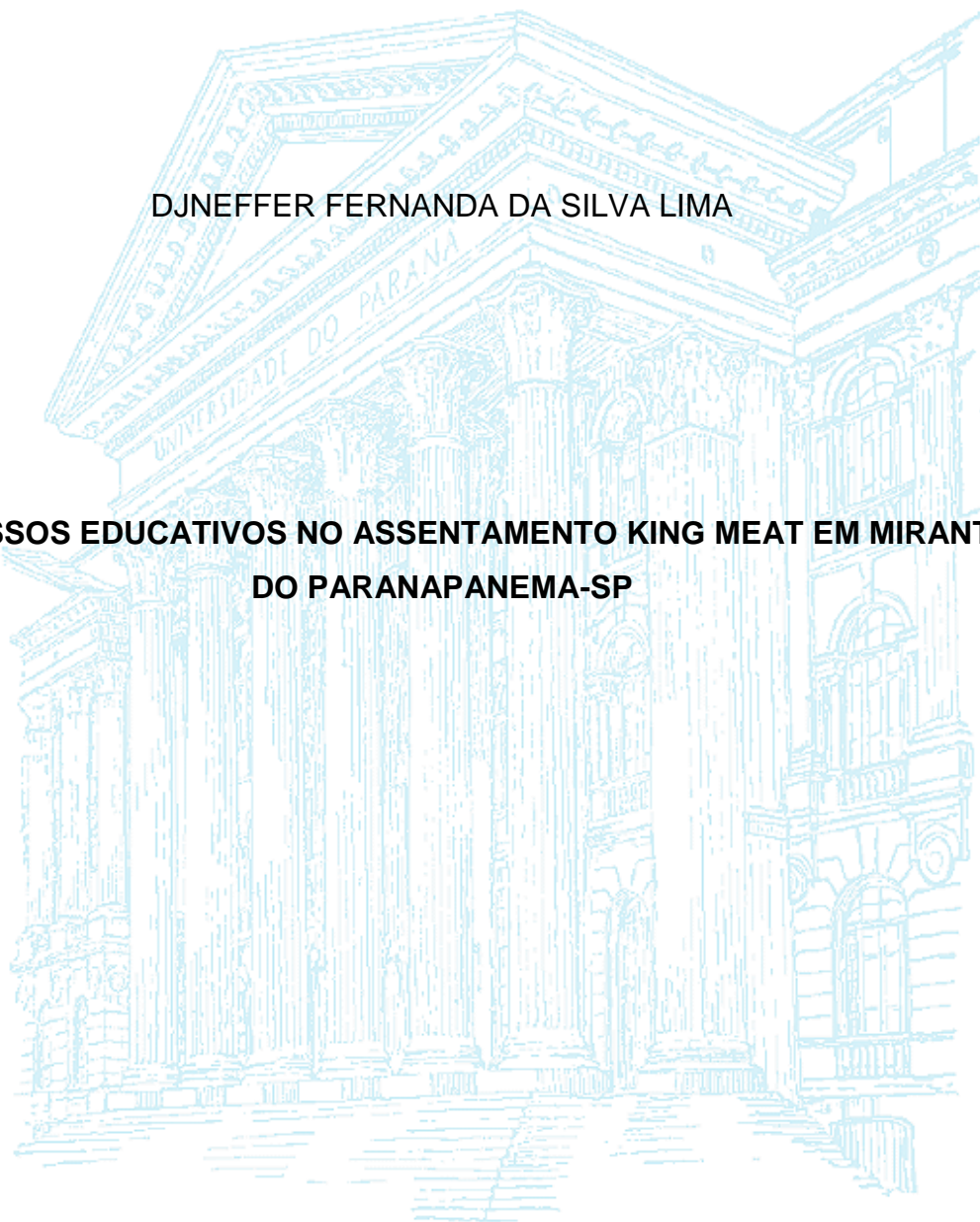


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL**

**DJNEFFER FERNANDA DA SILVA LIMA**

**PROCESSOS EDUCATIVOS NO ASSENTAMENTO KING MEAT EM MIRANTE  
DO PARANAPANEMA-SP**



**LAPA  
2018**

DJNEFFER FERNANDA DA SILVA LIMA

**PROCESSOS EDUCATIVOS NO ASSENTAMENTO KING MEAT EM MIRANTE  
DO PARANAPANEMA-SP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial de avaliação.

Orientador: Prof. Adalberto Penha de Paula

**LAPA  
2018**

## TERMO DE APROVAÇÃO

DJNEFFER FERNANDA DA SILVA LIMA

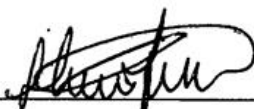
### PROCESSOS EDUCATIVOS NO ASSENTAMENTO KING MEAT EM MIRANTE DO PARANAPANEMA-SP

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada (o) em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza.



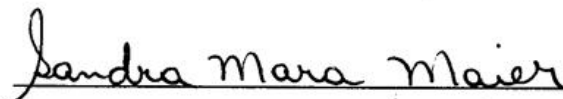
Prof. Me. Adalberto Penha, de Paula

Orientador – Câmara da Licenciatura em Educação do Campo  
UFPR SETOR LITORAL



Prof. Ma. Maria Isabel Farias

Câmara da Licenciatura em Educação do Campo  
UFPR SETOR LITORAL



Esp. Sandra Mara Maier

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Matinhos, 17 de outubro de 2018.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, estando sempre presente em meus percursos percorridos e projetado por Ele até este momento de minha existência.

Aos meus avós, Francisco Luiz da Silva e Marionice dos Santos ( in memóriam), que não estão mais presentes para vivenciarmos este momento tão significativo em minha vida e que Eles prezavam tanto.

Aos meus pais, minha mãe Maria Aparecida da Silva Batista de Lima e ao meu pai João Batista de Lima, por todo apoio e por ter acreditado em mim, transmitindo segurança, fé e esperança de que os sonhos se tornam possíveis se perseverarmos.

Ao meu irmão, Luccas Jonathan da Silva Lima que nos meus momentos de desânimo estava sempre prontificado a me apoiar.

Ao meu companheiro Leandro Pellizzari Toniolli, que se tornou meu Amor e Amigo inseparável do meu viver.

Aos meus amigos, e principalmente as pessoas do meu assentamento, os quais contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador professor Adalberto Penha de Paula, que nos orientou com muita dedicação e desprendimento em ajudar – nos e amizade sincera, transmitindo segurança e aumentando nossa autoestima frente às dificuldades encontradas no TE e TC.

Agradeço ao coletivo de professores da UFPR, em especial a professora Maria Isabel Farias, Lourival Fidelis, Ândrea Batista, pelas orientações, apoio, paciência e motivação oferecida por todos vocês a mim e a todo coletivo estudantil.

Agradeço ao coletivo da ELAA, em especial a D. Lorença (Lora) , D. Dezinha, Ivonete e Simone, pela dedicação companheirismo e respeito que disponibilizaram a todos.

Agradeço aos meus amigos que jamais serão esquecidos, Josivânia, Elaine, Maycon, Emerson, Roseni, Clarice, Rubert, Argelio, Vanderla, Taise, Ketlin, Thiago e Mateus, que me apoiaram e deram força, nos momentos mais difíceis que passamos nas etapa do TE, durante esses quatro anos de curso.

Em especial agradeço a Deus, por ter posto em minha trajetória de vida as crianças do coletivo Albert Einstein e ciranda curupira, Júlio, Lorena, Emanuela, Vitor Hugo, Emanuel, Quiara, Tainá e Gabriel, anjos que me propiciaram ótimos momentos de alegrias , descontração e me ensinaram a ser mais responsável com o próximo.

Agradeço imensamente, a todos os moradores do assentamento King Meat, e em especial a Rosa, Olinda, João (Peroba), Raimunda, Valeria, Lindete, Lidiane, Sirleide, Geovane, Maria Aparecida, que se disponibilizaram a participar dessa pesquisa de campo expondo seu cotidiano.

Aos demais moradores que fazem parte da minha vida e me conhece a tantos anos e contribuíram com a realização desse trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo geral de compreender os processos educativos no Assentamento King Meat e o papel da escola na relação com a comunidade. Discute-se sobre Educação Rural e Educação do Campo e os princípios educativos do MST. A metodologia utilizada é do tipo bibliográfica e documental, com uso de entrevistas gravadas. Apresenta a formação do Assentamento King Meat, a sua formação de organização enquanto território de luta e resistência, problematiza a importância dos espaços coletivos para o fortalecimento da luta pela terra. Reflete os princípios da Educação do Campo e as principais características da educação rural, destacamos a Educação do Campo, que vem de um debate mais recente feito pelos movimentos sociais do campo, principalmente o MST. Enfatiza as práticas educativas desenvolvidas na Escola Estadual Fazenda São Bento e no Assentamento King Meat, as quais, fortalecem os vínculos entre a comunidade, no fortalecimento das lutas enfrentadas pelos sujeitos do campo. Conclui-se que a relação e articulação entre comunidade, escola e movimento social são necessárias na efetivação da Educação do Campo no cotidiano da vida dos Camponeses do Assentamento King Meat.

Palavra-chave: Processos Educativos. Assentamento. Educação do Campo.

## RESUMEN

Esta investigación tiene el objetivo general de comprender los procesos educativos en el Asentamiento King Meat y el papel de la escuela en la relación con la comunidad. Se discute sobre Educación Rural y Educación del Campo y los principios educativos del MST. La metodología utilizada es del tipo bibliográfica y documental, con uso de entrevistas grabadas. La formación del asentamiento King Meat, su formación de organización como territorio de lucha y resistencia, problematiza la importancia de los espacios colectivos para el fortalecimiento de la lucha por la tierra. Refleja los principios de la Educación del Campo y las principales características de la educación rural, destacamos la Educación del Campo, que viene de un debate más reciente hecho por los movimientos sociales del campo, principalmente el MST. Enfatiza las prácticas educativas desarrolladas en la Escuela Estatal Hacienda São Bento y en el Asentamiento King Meat, las cuales, fortalecen los vínculos entre la comunidad, en el fortalecimiento de las luchas enfrentadas por los sujetos del campo. Se concluye que la relación y articulación entre comunidad, escuela y movimiento social son necesarias en la efectividad de la Educación del Campo en el cotidiano de la vida de los Campesinos del Asentamiento King Meat.

Palabra clave: Procesos educativos. Arreglo. Educación del Campo.

## LISTA DE SIGLAS

CENP	Conselho Executivo de Normas Padrão
CETAS	Centro de estudos em Trabalho, Ambientais e Saúde.
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento.
ELAA	Escola Latino Americana de Agroecologia.
ENERA	Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
E.E	Escola Estadual
IPÊ	Instituto de Pesquisa Ecológica
INCRA	Instituto Nacional de colonização e reforma agrária.
ITESP	Instituto de Terras do Estado de São Paulo.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases.
MEB	Movimento de Educação Básica.
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
PA	Projeto de Aprendizagem.
PAA	Programa de Aquisição Alimentos.
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar.
PPP	Proposta Política Pedagógica.
PRONERA	Programa Nacional de Educação na reforma Agrária.
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizage Rural
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNOESTE	Universidade Oeste Paulista

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Localização dos Municípios da Região do Pontal do Paranapanema-SP..15

Figura 2 - Delimitação do Assentamento King Meat, Mirante do Paranapanema-SP..21

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Casa da Sede .....	25
Foto 2 - Barracão da Sede .....	25
Foto 3 - Escola Estadual Fazenda São Bento.....	33
Foto 4 - Oficina de Batucada.....	40
Foto 5 - Oficina de Fotografia.....	41
Foto 6 - Oficina de Grafite .....	42
Foto 7- Oficina de Grafite .....	42
Foto 8 - Oficina de Grafite .....	43
Foto 9 - Muro da Escola Recentemente .....	43
Foto 10 - Oficina de Musica.....	44
Foto 11 - Oficina de Música.....	45
Foto 12 - Oficina de Música .....	45

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Síntese das principais características da Educação do Campo e da Educação Rural.....	30
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO KING MEAT .....</b>	<b>15</b>
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO: PONTAL DO PARANAPANEMA E FORMAÇÃO DO ASSENTAMENTO KING MEAT .....	15
<b>3 EDUCAÇÃO E ESCOLA DO CAMPO.....</b>	<b>27</b>
3.1 EDUCAÇÃO RURAL .....	27
3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	29
3.3 ESCOLA ESTADUAL FAZENDA SÃO BENTO .....	32
<b>4 PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CAMPO: PARCERIA ENTRE ESCOLA, MST E COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO KING MEAT .....</b>	<b>37</b>
4.1 PRÁTICAS EDUCATIVAS .....	37
4.2 PROJETO “VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?” .....	39
4.3 SALA DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS .....	45
4.4 ENCONTRO SEM-TERRINHAS .....	49
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória se inicia antes mesmo do meu nascimento. No ano de 1990 meus avós se mudaram para o Paraná, pois meus pais casaram-se nesse ano e residiam no município de Santo Inácio PR. Meu avô ficou sabendo de um coletivo denominado MST - ( Movimentos dos Trabalhadores Rurais - Sem Terra), esse movimento fazia um trabalho de base recrutando pessoas interessadas em adquirir um pedaço de terra. Na primeira reunião meu avô já estava decidido a compor o acampamento “União da vitória” no município de Mirante do Paranapanema.

Desde então, ele se mudou para o acampamento fazendo parte das famílias acampadas. Segundo relato feito por ele, minha avó ficava no município de Sant Inácio - PR, pois minha mãe recém-casada também residia neste município. Depois de um tempo, minha avó e minha mãe sempre indo aos finais de semana para o acampamento levar mantimentos e apoio para meu avô, as duas decidiram também fazer do acampamento, sua mordida permanente. “Foi nesse clima de luta pela terra que eu nasci no ano de 1993”

Nesse acampamento viviam muitas famílias acampadas que residiam permanente, então houve a necessidade do Movimento (MST) e o ITESP, enquanto responsáveis pelas negociações das terras devolutas em questão, pensar em uma forma de subsistências para as famílias que ali residiam, nesse momento os acampados recebem os lotes emergenciais, uma fração de terras de mais ou menos 1 alqueire para plantar alimentos e criar seus animais que antes eram pastoreados nos trilhos da ferrovia de trem. Nesse mesmo local com a distância do acampamento e a cidade, pensaram na construção de uma escola para atender os filhos dos acampados, pelo menos os menores, pois os do ensino fundamental II e ensino médio iam estudar nas cidades mais próximas.

O acampamento União da Vitória começou a ser fragmentado de forma positiva pois uma das fazendas foi conquistada pelo MST e acampados, a “Fazenda Santa Clara”, foi uma das primeiras a ser negociada e também nessa época surge o Itesp na região, órgão que representa o apoio do Governador da época “Mário Covas”. Uma pequena porcentagem dessas famílias são assentadas na fazenda Sant a Clara (atual Assentamento Chê Guevara), o restante dos acampados que não foram contemplados com o lote definitivo na fazenda Santa Clara, formaram um novo acampamento chamado 1º de Abril, nesse acampamento a maioria dos

acampados esperavam ansiosamente pela solução das outras fazendas. Logo depois, também foi negociada a fazenda São Bento, a qual foi assentado um grande número de família indicadas pelo MST enquanto as famílias apoiadas pelo Estado, representadas pelo Itesp, foram assentadas nas fazenda Canã, Estrela Dalva, Haroldina, Arco – Iris, 30% da Santana, 30% da Curata e King Meat. Essas Fazendas foram loteadas na mesma época. Surgindo assim, a necessidade de construção de uma escola que atendesse tantos os filhos de assentados como os próprios assentados.

No ano de 1995 fomos assentados na Fazenda King Meat, nome que continuou no assentamento por pedido feito pelo fazendeiro ou Itesp. Nessa época minha mãe começa a estudar, pois recebemos o dinheiro do fomento e esse dinheiro ela usou parte para pagar a matrícula e duas mensalidades da graduação de Letras que concluiu da AEPREVE. Ela ia todos os dias para o município vizinho de carona, por volta das 14h eu e meu irmão ficávamos com meus avós e meu pai, por volta das 24h meu pai ia busca-la , pois era o horário que ela chegava em Teodoro Sampaio. Naquela época, no município de Teodoro Sampaio, havia alguns incentivos para que as pessoas fizessem curso superior, com a ajuda de transporte para o deslocamento de Teodoro Sampaio até Presidente Venceslau- SP. Com todas as dificuldades, minha mãe conseguiu cursar sua primeira graduação e daí em diante não parou mais, realizando outros cursos aprimorando-se enquanto professora/educadora. Ela foi meu exemplo, me motivou durante todo o meu curso, nunca deixando se abater pelas dificuldades e nem se desvinculou da sua raiz de mulher camponesa, sempre deixando nítido que devemos enfrentar os limites e desafios com garra e coragem para alcançar e realizar os nosso sonhos.

Mesmo com tanta determinação tivemos momento os quais nos ausentamos da residência do assentamento, para possibilitar os estudos dela, mas sempre retornando para nossas raízes de camponesas, pois era daqui que tirávamos a maior parte de nossas subsistências, meus avós trabalhavam nos dois sítios juntamente com meu pai, pois ele também as vezes para aumentar a renda e complementar a renda fazia uns trabalhos fora do sítio como caminhoneiro.

. Até a minha mãe concluir seus estudos saímos várias vezes do campo, sempre para estudar, quando terminava os cursos voltávamos, pois até então, no assentamento não se encontra nenhuma oferta de curso superior ou profissional. Assim aconteceu até minha vó vir a falecer, então com o falecimento da minha avó,

minha mãe e meu pai ficaram de vez no sítio, pois meu avô ficou muito depressivo precisando de apoio de todos nós, então nesse momento de perda fomos nós que cuidávamos do Vó e dos dois sítio, ele viveu por mais quatro anos e meio vindo a falecer no ano de 2012, desse tempo para cá meus pais não saíram mais do sítio, plantando, cultivando e comercializando,, desde então minha mãe começou a militar no MST( Movimento Sem Terra), hoje é dirigente do setor de educação no Pontal do Paranapanema. A partir de então, tive a oportunidade de estudar sem termos que deixar o campo e nem se envergonhar de nossas raízes.

Por influência materna, eu e meu irmão começamos a participar de reuniões e atividade pelo MST, assim através da militância que fomos desenvolvendo, tive a oportunidade de receber a indicação para o curso de Licenciatura em Educação do Campo, parceria entre a Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) e a Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Para participar deste curso, fui indicada pela minha base, pois a proposta do curso é uma educação em que o MST se identifica, uma educação transformadora, que objetiva formar pessoas críticas que atuem em suas comunidades, pessoas que valorizem sua identidade camponesa.

Este trabalho é um aprofundamento do estudo realizado no Projeto de Aprendizagem, que é um dos espaços pedagógicos do currículo do curso de Licenciatura em Educação do Campo, o qual foi desenvolvido um levantamento histórico do assentamento King Meat com enfoque na luta pela terra. Também apresenta vivências, para assim compreender os processos educativos que ocorreram dentro e fora da escola, e como essas ações refletem na comunidade.

O objetivo geral deste trabalho é compreender os processos educativos no Assentamento King Meat e o papel da escola na relação com a comunidade. A partir da atividade educativa em forma de oficinas de batucada, grafite, música e fotografia, realizadas na escola E.E. Fazenda São Bento, a qual atende vários assentamentos, inclusive o assentamento King Meat, com o projeto intitulado “ Você tem fome de que?”, “Encontros dos Sem-Terrinhas” e a “Sala de Educação de Jovens e Adultos’.

A abordagem metodológica é do tipo bibliográfica, documental, e participativa, como foi realizado a continuidade do levantamento da história do assentamento King Meat, feito a partir de relatos dos assentados, da observação participativa. Os principais conceitos e temas discutidos neste trabalho são

Educação do Campo (CALDART, 2012), Escola Rural (RIBEIRO, 2012 e LEITE, 2002), MST (FERNANDES, 2012) e Luta pela terra (FERNANDES, 2001 e RAMALHO, 2002).

No primeiro capítulo, “História do assentamento King Meat”, apresentou-se o Assentamento King Meat, localizado no município de Mirante do Paranapanema no Estado de São Paulo. Discute-se os conflitos que ocorreram na região e a formação do próprio assentamento King Meat no processo de luta pela terra.

Na sequência no segundo capítulo, “Educação e Escola do Campo”, refletiu-se os princípios da Educação do Campo e as características da educação rural, a qual ainda é percebida através da prática através das práticas e da proposta pedagógica de escolas localizadas no campo.

O terceiro capítulo, “Práticas da Educação do Campo: parceria entre escola, MST e comunidade do assentamento King Meat” discutiu-se as práticas educativas que foram desenvolvidas na Escola Estadual Fazenda São Bento e no assentamento King Meat e a importância das parcerias entre a comunidade e os meios do processo educativo.

Logo percebe-se que as práticas educativas não formais fortaleceram o vínculo com o MST, escola e comunidade, procurando superar a formalidade, valorizando os conhecimentos empíricos. Cabe a escola juntamente com a comunidade realizar processos educativos que rompam com a lógica da escola rural demandada por uma classe burguesa, e construa-se como uma Escola do Campo.

Todavia percebe-se que para muitos discentes e suas famílias a escola é tida como um dos únicos espaços onde encontrar a educação científica. Além disso, é considerada um local de lazer, convivência, conhecimento, criatividade e organização e interação entre todos. Contemplando os diferentes assentamentos King Meat, Canaã, São Bento I, São Bento II, São Bento III, São Bento IV, São Bento V, Haroldina, Santa Apolônia, Estrela D’alva, Arco Iris, Antônio Paulo Freire, Conselheiro, Santa Clara, Santana, Santa Cruz e Alvorada.

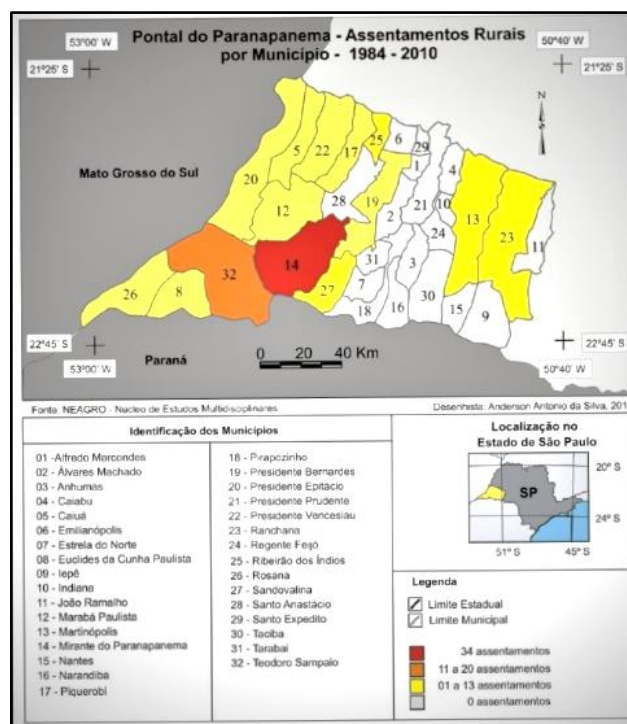
## 2 HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO KING MEAT

Neste capítulo é apresentado a formação do Assentamento King Meat e a sua formação de organização enquanto território de luta e resistência, também problematiza a importância dos espaços coletivos para o fortalecimento da luta pela terra.

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO: PONTAL DO PARANAPANEMA E FORMAÇÃO DO ASSENTAMENTO KING MEAT

O Pontal do Paranapanema está localizado no Estado de São Paulo, faz divisa com os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, em sua extensão territorial se localiza cerca de trinta e dois municípios Alfredo Marcondes, Alvares Machado, Anhumas, Caiabu, Caiuá, Emilianópolis, Estrela do Norte, Euclides da Cunha Paulista, Iepê, Indiana, João Ramalho, Marabá Paulista, Martinópolis, Mirante do Paranapanema, Nantes, Narandiba, Piquerobi, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Presidente Epitácio, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Rancharia, Regente Feijó, Ribeirão dos Índios, Rosana, Sandovalina, Santo Anastácio, Santo Expedito, Taciba, Tarabai e Teodoro Sampaio.

Figura 1-Localização dos Municípios da Região do Pontal do Paranapanema – SP.



FONTE: BERONE; MELAZZO e SILVA (2011, p.17)

Esta é uma região marcada por vários conflitos, principalmente pela grande quantidade de terras griladas<sup>1</sup> que era um ato muito utilizado na falsificação de documentos, este é considerado um dos piores problemas nesta região a concentração de terra nas mãos de poucos.

Onde segundo Fernandes e Ramalho (2001) a região do Pontal do Paranapanema a grilagem surge como um meio mais rápido de tomar posse de terras, que até então não se tinha registro de proprietários, eram forjados documento pelos fazendeiros e paróquias dando a posse de terra para esses latifundiários.

Porém o revide do colonizador branco era terrível. Era contratar bandos de jagunços armados, cujo objetivo era limpar o território e exterminar o “bugre ateu”. Houve expedições, na época chamadas “dadas”, unicamente para liquidar os índios. (LEITE, 1981, p.43, apud, FILHO, 2012, p. 85).

Esta região sofreu com diversos conflitos, como a conquista da terra, sem se importar com consequências, os grileiros que iam chegando até essa região e se deparavam com povo nativos e os viam como ameaça então muitos desses contratavam jagunços para exterminar esse nativos, onde os que não morriam se tornavam escravos do homem branco ou se viam obrigado a fugirem por sua sobrevivência.

Esse é um dos motivos de não ter aldeias nessa região, e o extermínio dos indígenas foi brutal, proporcionando o aumento e o desenvolvimento dessas terras, assim dando aos grileiros o livre acesso a grandes áreas e matas nativas, pois até então essas terras não se tinha tanto valor para o Estado, que logo mudaria devido ao seu avanço.

Partir daí esta região começa a interessar o Estado, e esse a investir na região com a estrada de ferro, sorocabana, que leva a expansão do café, a chegada de mais populações, policias e outros demandado pelo Estado. E com isso a descoberta de terra griladas na região do Pontal, como a primeira terra a ser grilada foi a fazenda Pirapó-Santo Anastácio com cerca de 238 mil hectares griladas.

Até a década de 90, com exceção das lutas de resistência de posseiros e de movimentos sociais isolados, os grileiros não encontraram maiores

---

<sup>1</sup> A história da Grilagem de terras no Pontal do Paranapanema tem seu início em maio de 1856, quando Antônio José de Gouveia chega à região e extrai o registro paroquial de uma imensa gleba de terras, à qual dá o nome de Fazenda Pirapó-Santo Anastácio. A descrição do grilo é a seguinte: os limites da fazenda vão desde a barranca do Rio Paranapanema, seguindo por 10 léguas o Rio Paraná acima e voltando-se para leste, pelas vertentes do Rio Pirapó, até encontrar-se de novo com o Rio do Paranapanema. (RAMALHO, 2002, p. 51)

problemas no processo político de assenhoreamento das terras devolutas do Pontal. {...} não faltaram ações do Estado para tentar impedir esse processo de grilagem. Em 1889, o governo da província de São Paulo julgara imprestável o requerimento de legitimação das terras da *Pirapó-Santo Anastácio*. (FERNANDES; RAMALHO, 2001 p. 240).

Inicia assim as primeiras glebas, apoiada pelo governo que incentivava a colonização trazendo famílias de Portugal, Espanha, Húngaros, Alemanha, assim colonizando a região do Pontal conhecida anteriormente como Deserto do Pontal, a essas famílias eram dadas títulos falsos para que pudessem investir em pequenos pedaços de terra e depois serem expulsos dessas terras violentamente por grileiros e seus jagunços.

A construção da estrada de ferro que servia para ligar os estados e no escoamento do café que estava no auge na época, levou um avanço que sofreria com a crise do café, e assim dando espaços para o surgimento de outras plantações, outros tipos de monocultivos como o amendoim e o algodão, além da plantação de pastos para a produção de gado que vinha se fortalecendo conforme o tempo.

Este também leva a outros como o aumento da exploração de madeiras, causando desmatamento da floresta nativa que havia na região, aumentando a construção da ferrovia ligando a outros estados como o do Mato Grosso e a intensificação da população na região.

E assim no ano de 1962, a liga camponesa começa a atuar e logo é abafada com o golpe militar que deixa a região do Pontal de lado por interesses políticos, que intensifica o desmatamento na região, com o uso de venenos químicos como o “Agente Laranja” que era espalhado com o auxílio de avião e depois posto fogo, este ato, devastou uma imensa parte da floresta deixando apenas árvores que eram consideradas desnecessárias para a produção de madeira. E para o escoamento dessas madeiras e de outras produções que já eram desenvolvidas, inicia a construção de estradas valorizando ainda mais a região do Pontal do Paranapanema.

Assim, dando abertura a novos investidores, como a criação de usinas de cana, que é impulsionada pelo governo, criando programas como o PROÁLCOOL, criado para impulsionar a fabricação de combustível, e inicia a monocultura de canaviais na região do Pontal, a primeira usina dessa região a ser aberta é a Destilaria Alcídia. Que em seu início tinha um projeto de plantar cana de açúcar

dentro de alguns lotes, projeto esse que não teve duração, pois as famílias que dele participaram só se prejudicaram durante o processo.

[...] contudo, a parceria entre usina e assentados foi prejudicial nos aspectos sociais e econômicos para os assentados, pois a maioria dos assentados não conseguiu melhorar a renda, ao contrário, muitas famílias estão endividadas e não sabem mais o que fazer para solucionar os problemas gerados pelas parcerias. Estes resultados comprovam que a realização de parcerias com empresas e/ou agroindústrias, ou seja, com o capital, faz com que o assentado perca sua autonomia sobre o processo produtivo, a qual permite o controle dos resultados, característica fundamental da vida dos camponeses e não chegam a nenhum desenvolvimento territorial rural, muito menos sustentável. (MASSARETTO, 2011 apud VERGES, 2013, p.246)

Com as instalações das usinas de cana de açúcar nessas regiões fortificou à contaminação das terras e das pessoas, pois o grande número de veneno utilizado e a monocultura enfraqueceram as terras e deixaram sequelas sobre aqueles que trabalhavam nessas usinas, além de que muitos dos assentados que arrendavam terras para as usinas acabavam trabalhando nelas, sendo atingidos diretamente ou indiretamente pelo veneno que era usado na produção da cana, aparecendo sequelas antes não percebidas, o contato com o veneno pulverizados com avião na produção da cana, quilômetros a deriva até os assentamentos e assentados atingindo a todos que nele residem, inclusive os animais e plantações vão morrendo aos poucos sem deixar alternativas para o camponês desenvolver a agricultura familiar.

Por outro lado, quando iniciou na região a construção de Usinas Hidrelétricas, Posto Primavera, Rosana e Taquaruçu. Que com a desaceleração do crescimento que ocorreu no país prejudicou essas construções sendo parada inúmeras vezes até seus termos e deixando um grande índice de desempregados que acabou se juntando a movimentos sociais que iam chegando a região, e assim os fortalecendo como o apoio da Comissão Pastoral da Terra, com este fortalecimento que leva o governo a fazer um levantamento de terras e a desapropriação de uma grande parte, que se torna a Gleba 15 de Novembro, que ganha esse nome pela data do ato.

Esta foi uma forma do governo compensar minimamente os impactos causados, após isso acontece a criação do Parque Estadual Moro do Diabo, para preservar o que restou da mata nativa da região e minimizar os impactos ambientais e florestais causados pela grande devastação em sua colonização. O Parque está

localizado dentro do município de Teodoro Sampaio e tem uma grande área de floresta nativas e bichos preservados, e atualmente conta com toda uma infraestrutura de preservação e profissionais adequados, como o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ).

Contudo somente na década de 1990 ocorre a chegada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)<sup>2</sup> na região do Pontal, pois antes disso o Movimento já vinha sendo criado e se fortalecendo no Rio Grande do Sul e Paraná. Ao chegar no Pontal o MST articula a sua primeira ocupação em 1991 na Fazenda Rosana, e ao descobrir que o Estado pretendia retomar terra no município de Mirante do Paranapanema ocorre a primeira mudança pois esse sai de Rosana para Mirante montar acampamento em busca de terras.

Essa era uma região bem devastada onde se tinha grandes quantidades de plantação de cana de açúcar e criação de gado, com terras enfraquecidas por toda a interferência humana que vinha sofrendo conforme os anos, e principalmente uma região que ainda possuía um grande número de terras públicas mal utilizadas por grandes monoculturas e pastagem.

Assim para retomar essas terras utilizadas e ilegalizadas o governo cria a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) com a finalidade de buscar acordos com os fazendeiros que tinha posse dessa terra mesmo sendo ilegais, acordos que buscava minimamente beneficiar ambos os lados pois parte da terra era comprada pelo governo e destinada a assentamentos rurais e a outra parte era legalizada para o fazendeiro.

[...] começou a ocorrer um processo de ocupação de terras devolutas por parte de determinados movimentos sociais que lutavam pela melhor distribuição de terras na região do Pontal do Paranapanema. Como resultado, os Governos Estadual (Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP) e Federal (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA), implantaram uma série de processos de desapropriação de terras formando assentamentos rurais com os respectivos lotes para os assentados. (VERGES, 2013, p.245)

Mesmo com todos esses avanços as terras só começaram a se tornarem assentamento cerca de quatro anos depois, saindo os primeiros assentamentos na região, que com a intensificação de suas lutas o MST conquista muito mais áreas

---

<sup>2</sup> O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento socioterritorial que reúne em sua base diferentes categorias de camponeses pobres – como parceiros, meeiros, posseiros, minifundiários e trabalhadores assalariados chamados de sem-terra – e também diversos lutadores sociais para desenvolver as lutas pela terra, pela Reforma Agrária e por mudanças na agricultura brasileira. (FERNANDES, 2001, p.498)

para assentamento e o pontal é considerado como uma região marcada por grandes conflitos agrários dentro do país.

Em síntese o Pontal é marcado pelo seu grande número de ocupações e assentamentos que foram construídos conforme os anos na busca pela distribuição de terras igualitária, precisou ocorrer várias mobilizações e lutas feitas principalmente pelo MST, tornando-se o protagonista na luta pela terra, contra o latifúndio, o capitalismo, e todas as formas de opressão. E se intensificando na busca pela reforma agrária, educação do campo, saúde, pela conquista dos direitos dos povos, pois a luta vai além dos camponeses, é uma luta que unifica toda uma classe, quem sofre pelas influências do capitalismo.

Atualmente se tem cerca de 103 assentamentos que foram se formando conforme os anos, no pontal ainda a muitas terras grilada que daria para assentar muitas outras famílias. Esta luta não é somente pela terra, pois conforme os anos foi se ampliando conforme as necessidades aparecendo com por uma educação do campo baseado na totalidade.

Dentro do Pontal do Paranapanema está localizado o município de Mirante do Paranapanema com cerca de 34 assentamentos, sendo um dos maiores, municípios em questão de território. Segundo VERGES (2013), cerca da metade da população do município reside na área rural.

Antes do assentamento tem-se a formação do acampamento União da Vitória que dali seria o início para muitos outro assentamentos, em 1990 com uma média de 200 famílias que ficaram três anos acampadas, passando por diversas dificuldade como despejos, moradias precárias em barracos de lonas a educação precária para seus filhos e a dificuldade em alimentar suas famílias, muitos seguiram fortes com o sonho de futuramente conquistar seu pedaço de terra e poder plantar para seu sustento familiar e renda.

Mais ou menos três anos depois saíram os provisórios na Fazenda Santa Clara, os quais só foram beneficiadas as famílias que residiam permanentemente no acampamento, nesse pequeno pedaço de terra puderam plantar e criar seus poucos animais, depois de assentados uma pequena quantidade de acampados na Fazenda Santa Clara começou a mudança dos demais para outro acampamento chamado 1º de Abril, local escolhido mais à frente da linha de trem, próximo ao local chamado “Pé de Galinha”, logo a Fazenda São Bento foi negociada com a intervenção do Governo do Estado e MST, assentando mais um grande número de famílias

acampadas, enquanto outras mudaram-se novamente para outra área emergenciais nos 30% da Fazenda Santana, pois o restante da Santana estava sendo negociadas pelo Governo, representado pelo o ITESP, juntamente com outras fazendas que assentaria a maioria dos acampados, que já moravam e produziam nos lotes emergenciais.

Segundo o site da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), o assentamento King Meat foi criado em Dezembro de 1995, abriga 46 lotes e tem área de 1.134,50 hectares. No assentamento, se destaca a pecuária leiteira, com 38 famílias vivendo da produção de leite e carne. Na agricultura, o assentamento King Meat produz mandioca, com 21 lote explorando essa cultura.

Figura 2- Delimitação do Assentamento King Meat, Mirante do Paranapanema-SP



Fonte: TONIOLLI; LIMA (2018, NÃO PAGINADO)

Além da produção de mandioca, gado de corte e leite, algumas famílias produzem hortaliças, melancias, colorau, e outras produções que variam conforme o período. Essas produções têm como destino a Companhia Nacional de

Abastecimento (CONAB)<sup>3</sup>, e outros projetos do governo e como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)<sup>4</sup> e Programa de Aquisição Alimentos (PAA)<sup>5</sup> dessas produções uma pequena parte fica para sustento da família, pois o foco da produção é para aumentar renda familiar.

Entre essas produções, poucas são orgânicas, a maioria dos moradores preferem a produção convencional, pela falta de mão de obra familiar e por considerarem dar menos trabalho, dessa forma alegam que utilizam o veneno por não terem como praticar o orgânico, pois seu vizinho utiliza o veneno que acaba indo em sua plantação e são rodeados por plantação de cana de açúcar.

Percebe-se que neste assentamento, os camponeses tenham pouco conhecimento das práticas de cultivos orgânicos e menos ainda, incentivos para o desenvolvimento da produção orgânica ou agroecológica. Muitos moradores alegam, que o orgânica demanda mais trabalho, exigências pelos órgãos classificadores e o escoamento da produção acaba sendo feito de forma igualitária aos convencionais.

Além das produções, há as políticas públicas do governo como o bolsa família, aposentadorias, ação jovem, entre outros. Mesmo assim, essas complementações de rendas são poucas pelo grande número de famílias que residem dentro do lote, pois o número de famílias que têm acesso a essas políticas públicas ainda são muito poucas. Existe lotes que chegam a ter várias famílias habitando, seus provedores sentem a necessidade de buscar outras forma de renda, empregos nas usinas que estão localizadas próximos ao assentamento, ou

---

<sup>3</sup> A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é uma empresa pública com sede em Brasília, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A Companhia foi criada por meio da Lei n.º 8.029, de 12 de abril de 1990, que autorizou a fusão de três empresas públicas: a Companhia de Financiamento da Produção (CFP), a Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal) e a Companhia Brasileira de Armazenamento (Cibrazem). Suas atividades foram iniciadas em 1º de janeiro de 1991, com capital 100% do Tesouro Nacional. (CONAB, 2017)

<sup>4</sup> Programa que vigora no Brasil desde 1954 e cujo nome foi estabelecido na década de 90 em substituição ao Programa de Merenda Escolar. Entre os objetivos do PNAE, destacam-se o aprimoramento dos hábitos alimentares; a melhoria das condições nutricionais (através da suplementação universal, durante pelo menos 180 dias letivos) e da capacidade de aprendizagem; redução dos índices de repetência e evasão escolar. (MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos, 2001, não paginado)

<sup>5</sup> O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foi criado em 2003 e consiste na compra pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) de produtos agropecuários. Esta compra é feita diretamente dos agricultores assentados e pequenas agricultores, sem intermediários ou licitações, e se dá por meio de diferentes modalidades. O programa tem como foco central garantir a comercialização de produtos agropecuários, viabilizando o acesso aos alimentos por pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, pois são destinados a programas sociais dos municípios como creches, asilos, escolas, hospitais, entre outros. (MATHEUS, Andrea, 2011, não paginado)

outra forma de trabalhos como diárias nos assentamentos vizinhos ou para os vizinhos que precisa de mão de obra nos serviços do sítio,

Atualmente no assentamento existem algumas organização no que se refere ao lazer, a igreja católica, bares e espaço naturais de rios para banhos e pesca, esses são os espaços encontrados para diversão e socialização, assim como a sede do assentamento, este não possui associações, nem coletivo de juventude minimamente organizado dentro do assentamento, assim como há pouca representatividade a nível de MST ou outro movimento social, entre outras formas organizativas. Pois os acampados depois de assentados foram perdendo o vínculo com o MST que antes tinham enquanto acampados ou morando em áreas menores nos lotes emergenciais. Os camponeses logo que foram assentados foram perdendo o vínculo com o MST, pois o apoio mais frequente era dos técnicos do Itesp os quais traziam assistência técnica, no entanto não conseguiram inserir nenhuma forma de organização que fosse vista com agrado pelos assentados do Assentamento King Meat.

Ao longo dos anos os camponeses foram se fragilizando pelas doenças outros pelas idades avançadas e os trabalhos árduos do dia a dia. Outra questão que fragiliza o camponês é a falta de incentivos financeiros, pois para os assentados conseguirem recursos financeiros e políticas públicas para investir em seus lotes há uma burocracia bancarias, também existe a burocracia e empecilho para alguns perfis no próprio Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), órgão que deveria facilitar acaba complicando a vida e permanência do camponês em certas situações. Este órgão foi criado pelo o governo do Estado de São Paulo tem a função de ajudar no desenvolvimento da comunidade, na regularização fundiária, na formação e capacitação dos assentados e na resolução de conflitos internos, funções essas que em sua maioria se torna falhas pela grande quantidade de assentamentos e poucas manutenção, não conseguindo dar o atendimento necessário a todos os assentados.

Apesar de todos os desafios, há a aproximação de alguns moradores, pela inserção no processo de militância do MST, na busca de uma forma na construção da formação individual e familiar, buscando o fortalecimento dos vínculos com a luta que vinha se perdendo dentro do assentamento King Meat, onde as estratégias utilizadas pelo MST foram através da educação para os jovens e adultos dentro do assentamento em parceria com o MEB, a possibilidade de iniciar os estudos para

alguns e para outros a possibilidade de dar continuidade aos estudos possibilitando uma mudança da realidade individual, familiar e do seu entorno.

Com a chegada do Programa Nacional de Educação na reforma Agrária (PRONERA), houve incentivo para a reinserção, com o intuito de uma formação profissional buscando melhorias, e como forma de contribuir na melhoria dos assentamentos, com a proposta de atuar dentro desses espaços, o PRONERA é um programa criado a partir de mobilizações feitas pelos movimentos sociais, onde o MST é um dos protagonistas, este programa tem como proposta de elevar o grau de escolarização para os moradores do campo que tem dificuldade a esse acesso. Assim o PRONERA se torna uma grande política pública que beneficia os povos do campo, águas e florestas aos quais esse projeto é voltado, viabilizando a oportunidade dessa população adentrar nas universidades públicas. No assentamento King Meat somos poucos os beneficiados pelo PRONERA, no momento temos duas assentadas no Curso de especialização em Desenvolvimento territorial, Trabalho, Educação do Campo e Saberes Agroecológicos pela UNESP ( Universidade Estadual Paulista “ Júlio de Mesquita Filho”) e em fase final até o momento dois jovens no curso de Licenciatura em educação do Campo Habilitação em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral em parceria com a Escola Latino Americana de Agroecologia ( ELLA).

Um dos espaços coletivos dentro do assentamento, é a sede, usada como ambiente para reuniões, festas, formações e vacinação de pessoas e animais. Ainda é pouco utilizada pela comunidade, atualmente não há muita movimentação na mesma, seu uso e cuidados vem sendo cada vez menor, com o avanço das benfeitorias dentro dos lotes particulares a sede vai perdendo utilidade para a comunidade.

Algumas vezes houve a reorganização deste espaço pelos moradores com o intuito de reativa-la, a fim de torna-la num espaço de formação e lazer mais agradável, não tendo andamento pela própria comunidade, por não conseguirem chegar a um consenso sobre a utilização e exploração de suma importância para a comunidade que a circunda encontra-se em estado de abandono pela comunidade e o ITESP.

Foto 1- Casa da Sede



Fonte: A Autora, (2017).

Foto 2- Barracão da Sede



Foto: A Autora, (2017).

A sede é espaço coletivo é importante dentro dos assentamentos, pois esse tem como finalidade o fortalecimento dos vínculos entre as famílias, este é um espaço onde todos devem ter os mesmos direitos a uso igualitário, este é um local destinado ao uso de discussões de problemas e soluções que vão surgindo dentro do assentamento e do próprio espaço da sede

Este torna-se um espaço de contribuição coletiva para a comunidade, podendo ser utilizado como local de formação educacional, de cursos voltado a essa comunidade em geral, além de ser um local para lazer para comunidade.

Para essa comunidade esse espaço é fundamental pois é o único espaço coletivo de socialização, aqui foi realizado diversas atividades pela comunidade como: vacinação de animais, um espaço para embarcação e vacina de gado, festas, missas, reuniões, encontros dos Sem Terrinhas, Cursos, entre outros.

Na sede há árvores frutíferas tornando o local agradável e muito arborizado , onde as crianças e a comunidade vem buscar frutas e propiciando socializações entre amigos, além de muitos utilizarem esse espaço como coleta de mudas frutíferas pela sua diversidade de plantas e arvores, principalmente de pés de jabuticabas, manga, abacate, goiaba, pitanga, ciriguela, ingá, umbu, jaca, graviola, acerola e tamarindo, que atraem muitas pessoas que vão em busca desses frutos todos os anos e em suas épocas de produção variadas.

### 3 EDUCAÇÃO E ESCOLA DO CAMPO

Educação do Campo e os principais aspectos da educação rural, a qual ainda é percebida através das práticas e proposta pedagógica, desenvolvidas em muitas escolas que estão no campo. Destacamos a Educação do Campo, que vem de um debate mais recente feito pelos movimentos sociais do campo, principalmente o MST que a alguns anos vem consolidando a sua importância dentro dos assentamentos e acampamentos no processo de formação dos sujeitos do campo

#### 3.1 EDUCAÇÃO RURAL

Primeiramente, temos a Educação Rural, onde segundo LEITE (2002) inicia seu debate em 1930, no governo de Getúlio Vargas, com a instalação de um processo industrial dentro do País. A Educação Rural ao ser desenvolvida ela desconsidera as contradições naturais do campo, assim como as políticas, sociais e culturais. Esta destina a uma população que vivem em uma zona rural onde seu meio de sobrevivência é através da agricultura.

Em 1942 a escolarização rural foi reforçada durante o VIII Congresso Brasileiro de Educação, que enfatizou as tendências nacionalistas-burguesas do Estado Novo. Embora partindo de premissas básicas, como o elevado número de analfabetos residente na zona rural, a redução da produção agrícola em função da escassez de mão-de-obra provocada por movimentos migratórios internos e a necessidade de uma uniformidade socio-cultural da Nação, esse congresso da Educação apenas preconizou que, se a antiga oligarquia já não mais existia, no momento nova oligarquia estava no poder, não conservadora quanto a anterior, porém referindo-se obviamente á burguesia em ascensão. Indiretamente, em termos de educação, esse congresso foi porta voz dessa 'nova oligarquia'. (LEITE, 2002, p 31)

Sujeitos que são constantemente influenciados pelo capital em seus meios de produção e educacional. E recebe uma educação tradicional que não condiz com sua realidade e desvaloriza sua cultura camponesa e muitas vezes não os permite como povos do campo. Pois este recebe uma educação básica e limitada aos interesses do governo Neoliberal capitalista onde seu foco é a mão de obra em larga escala para uma produção fragmentada, pois esse só obtém os conhecimentos necessário para sua produção.

Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, de

acordo com os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam. [...] Destinada a oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, mesmo a escola rural multisseriada não tem cumprido esta função, o que explica as altas taxas de analfabetismo e os baixos índices de escolarização nas áreas rurais. (RIBEIRO, 2012, p.293).

Esta é uma Educação que tem um caráter de desvalorização do camponês e suas lutas, riquezas culturais, até em si, quem vem socialmente o banalizando, onde o exemplo bem claro é a figura do “Jeca Tatu” que é de uma pessoa ingênua. Essa é a imagem que o capital usa para a desvalorização dos povos do campo, fazendo com que neguem sua raiz e sua terra por não ser aceito dentro de uma sociedade burguesa, e do governo para uma permanência no campo fazem muitos terem que sair de seus lote em busca de uma educação melhor e meios de sustento para sua família.

Muitos iniciam sua vida no trabalho muito cedo, tendo que parar de estudar para garantir o sustento de sua família e para permanecer no campo, e para tentar viabilizar condições de seus filhos ter uma educação que a esse foi negada por dificuldades que vão aparecendo sem sua vida.

E por fim outro fato que ocorre muito dentro das escolas rurais, são a falta de formação continuada e adequada aos professores que conseqüentemente acaba desmotivando seus educandos e desvalorizando esse sujeitos, sem se dar conta, ao negar a história de conquista das escolas do campo, que faz parte da luta dos próprios sujeitos, estão negando toda uma sociedade e a formação dos sujeitos.

[...] aos professores justificando que eles não recebem uma formação adequada para lidar com a realidade do campesinato, por isso seu desinteresse em estabelecer relações com as comunidades, [...] compreendida no interior das relações sociais de produção capitalista, a escola, tanto urbana quanto rural, tem suas finalidades, programas, conteúdos e métodos definidos pelo setor industrial, pelas demandas de formação para o trabalho neste setor, bem como pelas linguagens e costumes a ele ligados. Sendo assim, a escola não incorpora E, ainda, como a escola poderia valorizar a agricultura, tão desvalorizada nas concepções que sustentam ser o camponês um produtor arcaico e um ignorante em relação aos conhecimentos básicos de matemática, leitura e escrita? (RIBEIRO, 2012, p.296)

A falta de qualificação desses profissionais, pois esses atuam em comunidades rurais sem fazer parte dela, pelo simples fato do emprego. Assim

esses trazem consigo conhecimentos de uma realidade completamente diferente e utiliza métodos e conteúdo a serem repassados sem nenhum sentido de fato para esse aluno, por estarem em um currículo contraditório a sua realidade enfrentada.

### 3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

E por outro lado e mais recente temos a Educação do Campo, onde suas discussões iniciaram em 1997 em Brasília-DF no I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), organizado pelo MST e parcerias. Com o intuito de discutir uma educação para todas as pessoas que vivem no Campo.

A discussão principal, nessa conferência, parece ser a de como garantir que todas as pessoas do meio rural tenham acesso a uma educação de qualidade, voltada aos interesses da vida no campo. Nisso está em jogo o tipo de escola, a proposta educativa que ali se desenvolve e o vínculo necessário dessa educação com uma estratégia específica de desenvolvimento para o campo. (KOLLIN; NÉRY; MOLINA 199, p 24.)

Uma educação base na totalidade, que vai desde aspectos afetivo, gênero, sexualidade, políticos, conhecimentos tradicionais e cotidianos assim como cognitivo. Uma educação onde se possa discutir diferentes assuntos que contribua na formação do ser humano. Em uma escola em que seus tempos formativos seja dentro e fora das salas de aula e do espaço escolar, onde os educandos faça parte desta escola, e a vendo parte fundamental de si.

Com princípios pedagógicos que o trabalho e a organização coletiva sejam fundamentais.

[...] o propósito é conceber uma educação básica do campo, aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais para que vivam com dignidade e para que, organizados, resistam contra expulsão e a expropriação, ou seja, este do campo tem o sentido pluralismo das ideias e das concepções pedagógicas: diz respeito à identidade dos grupos formadores da sociedade brasileira ( conforme os artigos 206 e 216 da nossa Constituição). Não basta ter escola *no* campo: quer-se ajudar a construir escola *do* campo, ou seja, escola com um projeto político-pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo. (KOLLIN; NÉRY; MOLINA; 1999, p. 28-29)

Que contribua na formação humana e ideológica dos sujeitos, ligada ao trabalho, a vida social e acadêmica desses sujeitos, onde segundo KOLLIN; NÉRY; MOLINA (1999) o que se discute é um projeto de escola que está ligado a história da

luta pela terra e de resistência dos povos camponeses, indígenas, quilombolas e outros. Uma educação Ominilateral<sup>6</sup> onde o trabalho, a vida e a diversidade desses sujeitos, torne se princípios metodológicos para valorização de sua cultura, e fortalecendo seu vínculo com a terra e com as lutas sociais para seu reconhecimento, quanto para desmistificar uma imagem imposta pela sociedade burguesa.

O MST entre os movimentos sociais que tem levantado a bandeira de uma educação popular, vem tendo um papel fundamental dentro dessa luta pela educação do campo, com a criação de materiais que fomentasse esses debates dentro e fora das escolas do campo e das comunidades em luta, combinado as lutas por terra e educação, pois não basta somente ter terra sem o conhecimento e não basta ter o conhecimento sem poder aplica-lo. Assim, o MST ao longo dos anos vem conseguindo fazer essa articulação com a conquista da luta pela terra e fazendo a formação dos povos do campo, para que estes possam voltar a sua comunidade e atuar nelas.

Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território. Por isso, sua relação de origem com os movimentos sociais de trabalhadores. Na lógica de seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação do Campo nunca será somente de educação em si mesma e nem de educação escolar, embora se organize em torno dela. (CALDART, 2012, p. 263-267)

Abaixo segue em quadro algumas das características da Educação Rural e da Educação do Campo, frente aos processos de transição das concepções da educação. Buscando deixar mais evidente as diferenças que rege cada modalidade educacional, assim o quadro vem para facilitar a compreensão e do leitor que busca entender essas características que fazem toda a diferença de uma para a outra.

Tabela 1- Síntese das principais características da Educação do Campo e da Educação Rural

<b>EDUCAÇÃO DO CAMPO</b>	<b>EDUCAÇÃO RURAL</b>
Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de	É oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas

<sup>6</sup> Ominilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Educação Ominilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. (FRIGOTTO, 2012, p. 265)

classe).	
Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território.	Destinada a oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, mesmo a escola rural multisseriada não tem cumprido esta função, o que explica as altas taxas de analfabetismo e os baixos índices de escolarização nas áreas rurais.
Os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola. Lutas e práticas da Educação do Campo têm defendido a valorização do seu trabalho e uma formação específica nessa perspectiva.	Falta de formação qualificada aos professores, eles não recebem uma formação adequada para lidar com a realidade do campesinato, por isso seu desinteresse em estabelecer relações com as comunidades
Seus sujeitos têm exercitado o direito de pensar a pedagogia desde a sua realidade específica, mas não visando somente a si mesmos: a totalidade lhes importa, e é mais ampla do que a pedagogia	Compreendida no interior das relações sociais de produção capitalista, a escola, tanto urbana quanto rural, tem suas finalidades, programas, conteúdos e métodos definidos pelo setor industrial.
Suas práticas reconhecem e buscam trabalhar com a riqueza social e humana da diversidade de seus sujeitos: formas de trabalho, raízes e produções culturais, formas de luta, de resistência, de organização, de compreensão política, de modo de vida	E, ainda, como a escola poderia valorizar a agricultura, tão desvalorizada nas concepções que sustentam ser o camponês um produtor arcaico e um ignorante em relação aos conhecimentos básicos de matemática, leitura e escrita?
A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica.	Outra característica identificada na educação rural é a sua desvinculação da comunidade dos trabalhadores rurais que enviam seus filhos à escola.
. A escola tem sido objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo pelo que representa no desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental, hoje, na apropriação e produção do conhecimento que lhes é necessário, mas também pelas relações sociais perversas que sua ausência no campo	
A Educação do Campo, principalmente como prática dos movimentos sociais camponeses, busca conjugar a luta pelo acesso à educação pública com a luta contra a tutela política e pedagógica do Estado.	
Os filhos dos camponeses experimentam uma necessidade maior de aproximação entre o trabalho e o estudo, visto que a maior parte deles ingressa cedo nas lidas da roça para ajudar a família, de onde se retira	

a expressão agricultura familiar	
----------------------------------	--

Fonte: Adaptação dos verbetes Educação do Campo e Educação Rural do Dicionário da Educação do Campo, (2012).

Percebe-se a importância da Educação do Campo na superação da escola rural, pois só se rompe essa lógica que o capital nos impõe, com uma educação emancipadora, pautada na totalidade do sujeito do campo, que contribua com sua comunidade em diferentes aspectos, que valorize sua cultura, suas lutas, que tenha o trabalho como um dos seus principais princípios educativos, assim como outros temas cotidianos importante para a comunidade e formação educacional desses educandos que estão em construção de uma formação humana e ideológica .

### 3.3 ESCOLA ESTADUAL FAZENDA SÃO BENTO

A E.E. Fazenda São Bento (Pé de Galinha)<sup>7</sup> foi criada no ano de 1996 no assentamento Haroldina no município de Mirante do Paranapanema e ficando a 27 quilômetros da sede. A escola foi fruto de lutas junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que na época fizeram algumas ocupações e manifestações para que ocorresse a construção da escola, só assim os assentados e seus filhos poderiam estudar, atualmente a escola ainda não se tornou uma escola do campo, mais já se está em articulações para que isso ocorra.

A construção dessa escola se deu através de uma visita governador Mário Covas, que de início foi de forma emergencial, para atender a demanda de alunos que tinha no acampamento, que mesmo assim para conseguir atingir a demanda precisou-se fazer parceria com a prefeitura para a construção de mais salas.

A escola possui um currículo unificado implantado no Estado de São Paulo de uma Educação Rural demandada pelo capitalismo para a área rural, segundo relatos a escola tem esse nome de Fazenda São Bento por uma promessa que o antigo fazendeiro fez ao santo São Bento, que se livrasse sua fazenda das muitas cobras que haviam na fazenda teria o seu nome e assim foi, até os dias atuais.

---

<sup>7</sup> A Escola estadual Fazenda São Bento, tem esse apelido de “Pé de Galinha” devido a sua localização, que está próxima a uma encruzilhada que se parece com o formato de um pé de galinha.

Foto 3- Escola Estadual Fazenda São Bento



Fonte: A Autora, (2017).

A escola atende a filhos de assentados que estudam o Ensino Fundamental , Médio e o EJA, os discentes que frequentam o EJA e o Ensino Regular são das seguintes áreas: King Meat, Canaã, São Bento I, São Bento II, São Bento III, São Bento IV, São Bento V, Haroldina, Santa Apolônia, Estrela D' alva, Arco Iris, Antônio Paulo Freire, Conselheiro, Santa Clara, Santana, Santa Cruz e Alvorada.

Segundo o projeto político pedagógico (2018) “a escolar tem como objetivo, definir o tipo de ação educativa, onde se avalia e tende a realizar a partir de posicionamento quanto à sua intencionalidade, onde se tenta basear a leitura da realidade e busca ajudar a enfrentar os desafios cotidianos de uma forma reflexiva”. (ESCOLA ESTADUAL FAZENDA SÃO BENTO, 2013, não paginado.)

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola relata que a mesma trabalha com a leitura da realidade, no entanto percebe -se de que essa prática não é desenvolvida, a escola desenvolve a Educação Rural, com conteúdo similares aos conteúdos urbanos, que não condiz com a realidade dos educandos que estão situado no campo, outro fato que pode-se observado é que, em seu quadro de professores a grande maioria moram nas cidades mais próximas, nos municípios de Sandovalina, Teodoro Sampaio e Mirante do Paranapanema e Jardim Olinda – PR.

Esses profissionais receberam como formação o ensino tradicional e é dessa forma mecânica, tradicional que é transmitido os conhecimentos para os alunos, prevalecendo um trabalho que distancia da realidade em questão. Dessa forma a maioria deles não foram preparados para atuar nas escolas no/do campo e outros que tiveram o mínimo de formação em Educação do Campo, também não desenvolvem, tampouco a prática, por diversos motivos como, recebem um currículo do Estado pronto, o qual eles tem que seguir categoricamente, sem desviar-se do teor quantitativo, pois existem metas a serem cumpridas para atender as avaliações externas (SARESP) e Prova Brasil anuais, entre outras. Porém, percebe-se movimentos e práticas de docentes que buscam romper com esta lógica imposta pelo modelo educacional conversador e tradicional.

A escola em si possui uma infraestrutura minimamente adequada, ampla, arejada com os seguintes espaços educativos: Sala de professores, Diretoria, Secretaria, Sala de Leitura junto a biblioteca, laboratório de informática, Quadra coberta, Refeitório, 10 salas de aulas, Sala de coordenação, almoxarifado, Banheiros de alunos masculinos e femininos, Banheiros para os professores masculinos e femininos, Banheiro para Deficiente, Banheiro para a Gestão, cozinha dos professores, cozinha para os alunos e sala de recursos. A escola segue e desenvolve o currículo do Estado de São Paulo, o qual vem pronto para os professores

Nos fins de semana, na escola funciona o Projeto “Escola da Família”, que tenta buscar a participação da comunidade desenvolvendo algumas atividades propostas em parceria com a Prefeitura Municipal como: futebol masculino pois o feminino ocorre durante a semana, e o acesso a sala de informática que durante o fim de semana é aberta para a comunidade e esporadicamente em parceria também com outros órgãos como o SENAR e SESI desenvolvem atividades de bem estar para a comunidade, também tem a parceria com a UNESP uma vez por ano durante um período de mais ou menos quatro finais de semanas o desenvolvimento do cursinho pré vestibulares e preparação para o ENEM. Para muitos a escola é o único espaço de lazer, pois os que moram mais próximo da escola se locomovem até a mesma de carro, moto, a cavalo, bicicleta ou até mesmo a pé, porque a prefeitura municipal de Mirante do Parnapanema não disponibiliza o transporte para esses eventos, então como a maioria dos discentes moram distante da escola essa é um dos empecilhos de não ter tantos frequentadores nos finais de semana.

O Programa Escola da Família foi criado no dia 23 de agosto de 2003 pela secretaria de Estado da Educação. [...] Reunindo profissionais da educação, voluntários e universitários, o Programa oferece às comunidades paulistas atividades que possam contribuir para a inclusão social. (FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2009).

O Programa Escola da Família funciona aos sábado e domingo no espaço escolar, a Vice – Diretora do Programa afirma que, na escola possui apenas um bolsista, universitário e assentado o qual é beneficiado e se não tivesse esse programa o bolsista não teria condições de pagar seu curso de graduação.

No ano de 2017 um projeto da prefeitura de Mirante do Paranapanema, foi desenvolvido atividades de zumba, que é atividades físicas com dança, aberta para a comunidade, e equipe pedagógica que quisesse participar, sem custos nenhum. Onde durante um dia na semana a atividade acontecia no espaço escolar em horário intermediário entre o término das aulas da tarde e o período noturno aberto a toda comunidade escolar e a comunidade que não era escolar também.

Recentemente o governo do Estado de São Paulo passou a implantar a mediação de professores dentro das escolas e a E.E.Fazenda São Bento passou a contar com um professor mediador que é responsável por mediar conflitos que possam vir a surgir dentro no espaço escolar, professores esse que foram capacitados para este cargo dentro das escolas do estado de São Paulo que se iniciou no ano de 2010. Segundo COSTA (2017), “iniciativa pioneira que tem a função de definir e capacitar educadores para prevenir desentendimento em escolas estaduais – aproximando alunos, educadores, equipe gestora e família”.

A E.E.Fazenda São Bento, possui alguns problemas, e um desse é a questão da participação ativa da comunidade dentro da escola e em reuniões escolares, pois devido sua localização, a maioria dos assentados só têm acesso a escola somente por meio do transporte público, ônibus escolar, contratado para a locomoção dos alunos . Outro fato é que muitos desses pais, trabalham nas usinas, e ainda tem que dar conta de seus lotes, desta forma as reuniões de pais, festas e outros eventos que a escola organiza não tem participação efetiva dos pais ou responsáveis.

Nesse contexto percebe-se de que a direção desempenha um papel fundamental e compromissado no envolvimento da comunidade no cotidiano escolar sem muito êxito, mas não desistindo do objetivo de trazer a comunidade para a

escola com a proposta de desenvolver atividades e conscientização quanto a relevância dos pais estarem presentes no cotidiano escolar dos filhos.

## **4 PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CAMPO: PARCERIA ENTRE ESCOLA, MST E COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO KING MEAT**

Este capítulo abordado algumas práticas educativas desenvolvidas na Escola Estadual Fazenda São Bento e no assentamento King Meat, práticas como: Projeto você tem fome de quê? Sala de Educação de jovens e Adultos e Encontro do Sem-Terrinha, as quais fortalecem os vínculos entre a comunidade no fortalecimento das lutas enfrentadas pelos sujeitos do campo.

### **4.1 PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Os processos educativos ocorrem diariamente, podendo ser ensinamento cultural como o que se é passado de geração para geração em uma conversa, em uma história, em um trabalho todos se caracterizam como processo educativos que são desenvolvidos ou científicos como o que são aprendidos na escola durante seus anos letivos em que o professor ensina em suas aulas ou atividades desenvolvidas dentro do espaço escolar.

Dentro da organização do MST também encontramos essas práticas educativas, elas ocorrem numa mística, num tempo formatura com a apresentação dos gritos de ordem, através do tempo trabalho, através das lutas sociais e no cotidiano da vivência em coletivo, esses tempos educativos são pensado para contribuir no desenvolvimento educacional e organizativo dos educandos.

A escola é mais um dos lugares onde nos educamos. Os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola o que tem a fazer? Interpretar esse processo educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. (ARROYO, 2004 apud SOUZA, 2005)

Muitos educadores dentro das escolas precisam aprender a desenvolver a ligação entre o conhecimento vivido e o conhecimento adquirido em sala de aula ou seja popular e científico, isto é, articular a práxis com o teórico/prático aos conteúdos escolares, assim a escola motiva seus educandos a novas possibilidade, socialização e valorização dos conhecimentos e desenvolvem formas que os educandos consigam fazer relações entre os diferentes tipos de conhecimentos produzidos historicamente.

Segundo FREIRE (1996) ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo?. Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres (FREIRE,1996, p.15)

Assim podemos citar algumas práticas educativas que esta pesquisa apresenta e problematiza, como o “Encontros dos Sem-Terrinhas” que foi um meio de conhecimento não formal organizado pelo MST, a “Sala de Educação de Jovens e Adultos” que foram desenvolvidas a alfabetização de adultos que acontece fora de uma escola tradicional mais acaba sendo um processo mais formal. E por fim o projeto “Você tem fome de quê?”. Foram práticas educativas realizadas entre comunidades do município de Mirante do Paranapanema na qual fortaleceram os vínculos com a escola e com o MST, sendo essa uma prática não formal, desenvolvida através de oficinas.

Pensar certo e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamental pensar certo- é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmo. É difícil, não por que pensar certo não seja forma própria de pensar de santos e anjos e a que nos arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos as facilidades, as incoerências grosseiras. É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que não podemos ter de alguém vire raivosidade que gere um pensar errado e falso. Por mais que me desagrade uma pessoa não posso menospreza-la com um discurso em que, cheio de mim mesmo, decreto sua incompetência absoluta. Discurso em que, cheio de mim mesmo trato-a com desdém, do alto de minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva, mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio, me minimizam e destrutam. (FREIRE,1996, p. 21)

Nesse sentido, as práticas já mencionadas acima, dialogam diretamente com a de troca de saberes e a educação Omnilateral baseada na totalidade, onde o educando e educador se colocam abertos para construir, apropriar-se de conhecimentos, pois devemos considerar que cada indivíduo tem uma carga de conhecimento o qual vem acumulando nos seus processos de aprendizado que acontece em seu dia a dia.

## 4.2 PROJETO “VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?”

Aconteceu na Escola Estadual Fazenda São Bento (EEFSB) diferentes atividades educativas, com a parceria do curso de licenciatura em educação do campo da UFPR- Setor Litoral, EEFSB, Programa Escola da Família e MST, juntamente com alguns convidados do levante popular da juventude de Presidente Prudente -SP.

A proposta surgiu pelo coletivo do Setor de educação do MST, com a temática: “Você Tem Fome De Quê?”. O coletivo responsável de organizar o evento, se programou em reuniões para decisões sobre as atividades que seriam desenvolvidas, assim como alimentação e divulgação do evento. Tivemos como objetivo levar os jovens a fazerem reflexões sobre a luta pela terra, alimentação saudável e seu papel enquanto comunidade e sua permanência enquanto discente e camponês refletindo sobre o que queremos para o futuro. O evento teve uma grande participação dos jovens que ainda estuda e outros que já tinham terminado o Ensino Médio, em sua grande maioria os jovens participante do evento e das oficinas eram camponeses e residem com a família, outros estão trabalhando fora e vem para o assentamento nos finais de semanas, visitar os familiares.

Mesmo enfrentando dificuldades no transporte, pois não tivemos apoio para que o ônibus os trouxesse para o evento, tivemos a organicidade entre eles tendo um grande número de participantes assentados e discentes. Em parceria com Militantes do MST, também tivemos a participação de jovens assentados de outras escolas da região, os quais interagiram e trocaram vivências e conhecimento dos seus assentamentos. Teve uma grande participação dos jovens nas oficinas citadas abaixo, no final do evento houve a apresentação dos trabalhos do dia e sua conclusão final.

O método utilizado foi em forma de desenvolvimento de oficinas para envolver a comunidade e escola, pois este é um dos princípios da educação do campo, cada jovem escolheu a oficina que mais se identificava. As oficinas foram pensadas de forma que envolvesse a todos da comunidade escolar, sendo elas rap, música, grafite, fotografia e batucada, que seguem descritas abaixo:

**Oficina: Batucada**

Ministrada pelo Levante Popular da Juventude de Presidente Prudente SP. A batucada enquanto frente atuante nas mobilizações do MST serve para fortalecer, animar e chamar as pessoas para a luta no momento difícil. Geralmente nas mobilizações a batucada sempre vai a frente abrindo caminho e ditando o ritmo da marcha, não deixando que os militantes desanimem no meio do percurso.

Diante disso, os integrantes dessa frente assim como os demais militantes também participam de formações políticas, culturais, a fim de compreender a sua importância nas mobilizações na luta de classe. Todavia quando compreendido a sua real importância no processo da luta social e na luta pela terra, assim fortalecendo suas comunidades onde estão inseridos

Foto 4 - Oficina de Batucada



Fonte: A Autora, (2016).

**Oficina: Fotografia**

Para a realização da oficina tivemos a disponibilização de uma companheira do MST, que contribuiu socializando seu conhecimento e técnicas utilizadas para tirar uma foto com qualidade. Assim como a oficina de batucada a oficina de fotografia também tem a sua contribuição dentro do processo.

Pois nas mobilizações das lutas travadas pelo MST, ela se coloca como um meio fundamental para divulgação das suas ações e é através das redes sociais que a fotografia dentro da frente de comunicação e cultura cumpre seu papel de levar informações em tempo real.

Na qual vem realizando a desmistificação da organização do MST no processo da luta pela terra e por direitos para a classe trabalhadora, com isso ela vem desempenhando o papel de contrapor os meios de comunicação como, redes de televisão e rádios, na qual tem o intuito de alienar os sujeitos afim dos interesses do capital.

Foto 5 - Oficina de Fotografia



Fonte: A Autora, (2016).

#### **Oficina:** Grafite

O grafite foi ministrado por uma educadora da E.E.Fazendo São Bento, utilizando a temática do evento, os educandos grafitaram o muro com ações expressivas contemplando e abornando o tema do evento “ Você tem fome de quê?”, contemplando o tema foi expressivo os grafites sobre a natureza, alimentos saudáveis, e Educação do Campo.

Como um meio de chamar a atenção dos trausentes no entorno da escola, pois é um lugar que serve de pontos de encontros da comunidade, em seu enrono , temos o ACESSA São Paulo, Posto de Saúde, Outra escola Técnica o Cenro Paula Souza ( ETEC), ponto de ônibus para irem para a cidade, Barracão comunitário o qual funciona a Padaria das mulheres, Restsudantes, Associação AMAS, portanto o muro da escola segundo os participante da oficina de grafite esta alí para expressar seus anseios e desejos por mudanças na Educação e na vida da comunidade que esteve presente no evento.

A oficina de grafite assim como as outras vem para contribuir na questão política e ideológica do sujeito, na qual através das representatividades artística

expressam a realidade em que vivem, assim fazendo com que a comunidade reflita sobre suas práticas cotidianas. Abaixo educandos grafitando no muro da escola:

Foto 6 - Oficina de Grafite



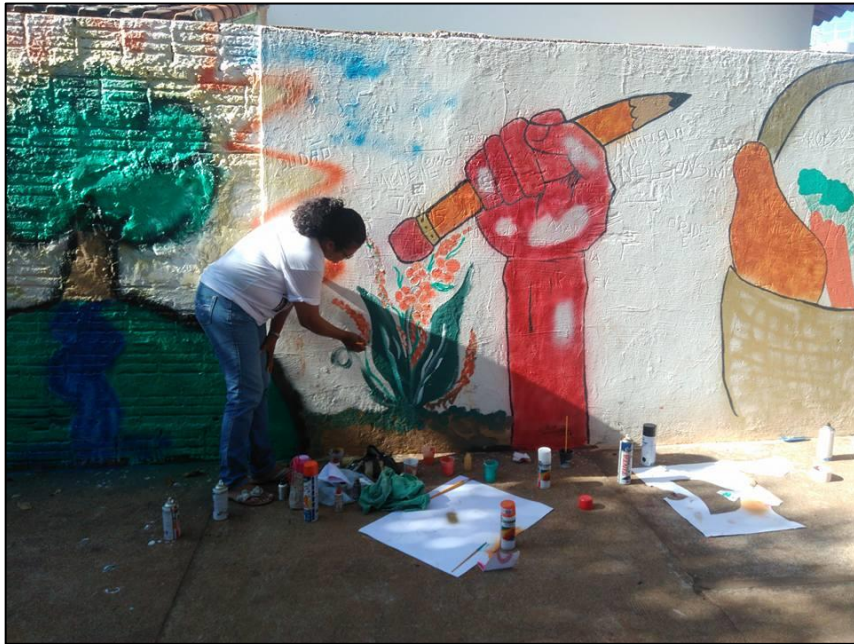
Fonte: A Autora, (2016).

Foto 7 - Oficina de Grafite



Fonte: A Autora, (2016).

Foto 5 - Oficina de Grafite



Fonte: A Autora, (2016).

Na atualidade, no término desse trabalho a pintura do muro da escola expressando os anseios dos jovens participantes do evento, “ Você tem fome de quê?”, foi pintado de branco e refeito outra ação expressiva retratando o Mascote do Programa Escola da Família, vale ressaltar que não houve nenhuma consulta por parte da vice - direção junto a comunidade escolar, nem tampouco junto aos discente da escola, essa atitude não aconteceu só nos muros da escolas que dá de frente para os transentes comunitário, mas em todas os outros espaços escolares que tinham ações expressivas dos discentes dessa escola.

Foto 9 - Muro da Escola Recentemente



Fonte: Facebook: P.S Fazenda São Bento, (2018).

Hoje o muro da Escola encontra-se com a expressividade de uma única pessoa que não é da comunidade, retratando o mascote do Programa Escola da Família um programa que está disponível para a comunidade, mas sem participação efetiva como foi a oficina de grafite desenvolvida na escola, portanto segundo os alunos a simbologia do mascote não representa a comunidade escolar.

**Oficina:** Produção musical

A oficina foi realizada em dois momentos na parte da manhã com um educador popular colaborador do MST, iniciando com uma roda de conversa sobre os diferentes gêneros musicais. Na qual realizaram as oficinas dos gêneros musicais de Rap e Sertanejo.

As músicas no processo da formação política e humana, se coloca como uma forma de libertação, de crítica ao sistema, formação de consciência, sendo um meio de espalhar suas ideologias, além disso, ela serve como uma distração. Com isso as músicas produzidas pelos povos camponeses trazem reconhecimentos das lutas travadas pela classe trabalhadora, fortalecendo o vínculo comunitário, cultural, trabalho, educação, políticos, dentre outros, que são apontados através das letras musicais.

Foto 10 - Oficina de Musica



Fonte: A Autora, (2016).

Foto 11 - Oficina de Música



Fonte: A Autora, (2016).

Foto 12 - Oficina de Música



Fonte: A Autora, (2016).

### 4.3 SALA DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

Segundo Araújo (2012), a Educação de Jovens Adultos (EJA) é uma das modalidades na educação básica do Estado de São Paulo, que tem por finalidade levar a alfabetização aos povos do campo e da cidade a qual teve o direito a educação negado por algum motivo em algum momento de sua vida.

Esta é uma modalidade descrita em lei:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.393/1996, em seu artigo 37, deixa claro que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no

ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil, 1996). (Araújo, 2012, p.250)

O MST visando a educação para todos percebe a necessidade da alfabetização dentro dos assentamentos e acampamentos para assim compreender os motivos de suas lutas e fortalecer a população do campo, desde da criação do MST a educação era uma necessidade e desejos dos assentados em aprender a ler e escrever e que seus filhos também aprendesse para que seus filhos não fosse ingênuose desatualizados. Pois a alfabetização do MST preocupa-se com os princípios fundamentais, educativos, métodos de experiência pedagógicos da educação popular coerente com a realidade dos educandos de EJA e seus desafios de resistência camponesa,

Os educandos deverão aprender a ler, escrever, fazer contas, compreendendo as diferentes linguagem educacional e artísticas construindo elos entre o aprendizado escolar e seu cotidiano no lote e não a simplesmente desenhar seus nome ou receber um conhecimento que não faça uma ligação com o seu cotidiano e que não contribua de forma educacional para o desenvolvimento além da alfabetização. Deve-se ir além do processo educacional, tornando um projeto político e ideológico, com o papel de reafirmar o compromisso com a luta pela terra e compreender o papel do trabalhado perante a sociedade e tornando o cada vez mais consciente de como o capital vem se apropriando da sua força de trabalho.

O setor de educação em uma de suas funções, objetiva-se buscar formas de alfabetização, um dessas foi através de parceria com o MEB<sup>8</sup>, muitas discussões e reuniões entre os responsáveis pelas frentes, em dialogo com prefeitura que se colocou à disposição conforme as condições precárias que se encontram a maioria dos espaços disponíveis para a formação dessas salas de aulas. Aqui na região de Mirante do Paranapanema tivemos três salas de aulas , atendendo os discente com materiais diferenciados e pensados para eles, em sua localidade de moradia, era o professor que se locomovia até o assentamento, tornando a acessibilidade nas aulas por parte dos discente mais efetivas e real, pois eles estudavam somente etre os vizinhos e também o horário era flexível , era escolhido por eles, sempre pensando na comodidade para os discentes. Os educadores foram selecionados

---

<sup>8</sup> O MEB é um organismo vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal. Foi fundado em 21 de março de 1961. (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE, não datado).

pelo MST com uma bolsa de ajuda financeira cedida pelo Programa PRONERA e INCRA .Essa ajuda de custo para os educadores era para se organizar com locomoção até as sala de aulas e algumas manutenções e alimentação que o educador jugasse necessário para o funcionamento das sala e bem esta dos discentes.

O MEB disponibilizaria os matérias, a certificação para os educandos e educadores, assim como os curso de formação para os educadores que eram feitas mensalmente por responsáveis nomeados pelo coletivo de educação do MST e anualmente pela coordenação representante do MEB, que organizava uma semana de curso e socialização entre os educadores das turmas.

Tanto o MEB quanto o MST tem princípios educativos parecidos que é através da educação voltada a realidade dos educandos inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire e como ele desenvolvia seus trabalhos, o MEB criou apostilas todas baseadas nas salas de EJA que estavam funcionando, onde a coordenação do MEB registravam vários momentos desse cotidiano e transformavam em auxílio para material pedagógico que seria desenvolvido pelos educadores em sala.

A alfabetização de jovens e adultos, inserida no contexto da educação popular e inspirada em Paulo Freire, pressupõe como metodologia, a leitura pedagógica do ver, julgar e agir. Desde sua fundação na década de 1961, prioriza a educação popular criando condição para os formadores terem continuidade aos processos pedagógicos, mesmo que findo o período da alfabetização. (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE, não datado)

No município de mirante no primeiro ano do projeto foram abertas duas salas para alfabetização de jovens e adultos, uma no assentamento King Meat e outra no assentamento Santa Apolônia , assim no segundo ano com o andamento das salas ocorreu a possibilidade de abertura de mais uma, desta vez no assentamento Santana, este projeto teve duração de dois anos, que sendo avaliado no final teve um período curto e segundo avaliação do MST, não desenvolveu todas as atividades pensadas e propostas para os discentes por diferentes fatores que foram acontecendo durante os anos.

Esta é uma modalidade de ensino marcada pela resistência, onde jovens e adultos os quais por diversos motivos teve seu direito a educação negado em algum momento de sua vida, tendo que interromper seus estudos. Esse encontra no EJA uma nova chance de adquirir o conhecimento formal. Segundo ARAÚJO (2012) “A

Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Mesmo sendo garantido em lei a educação para todos em suas idades corretas, sabemos que por diversos motivos isso não ocorre. Uma maneira de tentar garantir essa educação feita pelo MST são as salas de EJA que são desenvolvidas dentro das comunidades de assentamento.

Muitas vezes, o educador relata que o aprendizado para o trabalho com a educação de jovens e adultos foi adquirido na própria sala de aula com os educandos. (SOUZA, 2005, p. 9)

Onde se busca desenvolver uma educação diferenciada voltada a realidade de seus educandos com a valorização de sua vida, de sua comunidade e de seus conhecimentos conforme suas experiências vividas. Essas salas de EJA dentro dos assentamentos é vista como forma de lutar contra àqueles que os negaram o conhecimento.

As práticas desenvolvidas pelos movimentos sociais camponeses apontam uma perspectiva de EJA para além da escolarização, considerando os aprendizados que os trabalhadores vão adquirindo por meio de suas experiências de lutas e trabalho, sem negar a importância fundamental da educação escolar como espaço privilegiado de acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade. (ARAÚJO, 2012, p.251)

Essa modalidade de ensino desenvolve o papel de fortalecer suas comunidades com a valorização do conhecimento empírico que é levada em conta no decorrer das aulas. Onde o educador tem o papel de capturar esse conhecimento empíricos e estabelecer relações com o científico para que os educandos tenham uma educação mais plena de seus conhecimentos.

O alto índice de analfabetismo no Brasil não é por acaso. Ele tem raízes históricas nas contradições econômicas e sociais profundas que remontam ao período colônia, perpassam a Primeira República e continuam na atualidade. O Brasil vive uma situação social que exclui 18 milhões de pessoas do direito de conhecer as letras, de ter acesso ao conhecimento. (ARAÚJO, 2012, p.251)

Dentro da modalidade da Educação do Campo a EJA é vista como uma forma de garantir a educação para todos os trabalhadores do campo, pois no Brasil existe um alto índice de exclusão ao direito a educação, segundo ARAÚJO (2012), conforme dados do censo do ano de 2010 indicam que, no meio rural brasileiro, o índice de analfabetismo é cerca de 23,2%.

É por causa desses índices de analfabetismo dentro do território rural que o MST vem atuando, realizando a formação de professores para que possam também

atuar na EJA dentro dos assentamentos, para além do conhecimento científico, mas em uma formação humana na sua totalidade.

#### 4.4 ENCONTRO SEM-TERRINHAS

Os Encontros dos Sem-Terrinhas são importantes para que as crianças possam se inserir nas lutas do MST, pois os mesmos serão o futuro do MST, na qual está inserção é de extrema importância para as crianças, pois os mesmos precisam se ver como povos pertencentes dessa história, ou seja, povos do campo, para que assim eles possam conhecer e valorizar suas culturas e todos os elementos camponeses a quais pertence.

Foto 13 - Encontro dos Sem Terrinha



Fonte: A Autora, (2015).

Um encontro diversificado, através jogos, brincadeiras, atividades culturais, dança, teatro, dentre outros, que fortaleça seu vínculo com os movimentos sociais e com a comunidade, pensado para chamar a atenção das crianças com atividades lúdicas que envolva as crianças da comunidade, e enquanto as atividades com as crianças acontecem os pais fazem uma socialização entre si.

Diante disso o encontro realizado para comemorar o dia das crianças (Sem Terrinha), foi um evento pensado inicialmente por um pequeno grupo de moradores do assentamento King Meat, onde alguns desses já militavam pelo MST,

fortalecendo o vínculo comunidade e MST, com essa parceria buscou-se a ajuda da Paroquia de Presidente Prudente. Esta jornada dos sem terrinha aconteceu na sede do assentamento no período de agosto do ano de 2015.

Esses encontros foram muitos significativos para as crianças e para toda a comunidade que participavam diretamente no dia ou indiretamente com doações para que acontecesse o melhor encontro possível, ajudando no que era possível. A organicidade da comunidade antes, durante e depois era uma forma de expressar a alegria e contentamento, ressaltando seus valores culturais, religiosos e políticos os encontros sempre teve o apoio da comunidade e do representante municipal, o Prefeito da época.

O MST enquanto movimento sempre teve a responsabilidade de buscar as parcerias institucional como a Igreja, Prefeituras e Empresas colaboradoras, através dessas parcerias externas possibilitava uma grande festa para as crianças que perpassava o objetivo do entretenimento, levando-os a reflexão do seu papel de criação Sem Terrinha coadjuvante da luta pela terra, de uma educação de qualidade, saúde, bem estar e os Direitos das Criança e do Adolescente respeitados.

Foto 14- Camiseta do Encontro dos Sem Terrinha



Fonte: A Autora, (2015).

Esses eventos realizados pela comunidade e Movimento Social sempre teve o caráter fundamental de desenvolver e conscientizar nas crianças, que dele participaram e fortalecimento dos vínculos que vinham se perdendo entre as

peças com o passar do tempo, pois para que acontecesse foi necessário a união de toda uma comunidade que se disponibilizou a cuidar limpeza da sede a busca de contribuições e parcerias para o evento, e mostrando para a própria comunidade que foi através da união que tudo pode estar sendo realizado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pontal do Paranapanema, é uma região que ocorreram muitos conflitos agrários, e a partir das lutas e mobilizações tornou possível a conquista do assentamento King Meat, no município de Mirante do Paranapanema-SP entre outros localizados nesta região e em todo território brasileiro.

Partindo do diálogos com assentados, pesquisas bibliográficas e documentais realizadas durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível refletir todo este processo de luta pela terra e pela educação, entendemos que ainda necessita de mais estudos e pesquisas, para uma melhor compreensão das relações, dos conflitos e contradições existentes neste território.

A escola Estadual Fazenda São Bento atualmente desenvolve práticas de uma educação rural, onde há um início de aproximação da comunidade, somente ações pontuais, que foram desenvolvidas. Um exemplo foi a parceria estabelecida entre a escola e o MST, para o desenvolvimento do projeto “Você tem fome de quê?”, este com um caráter não formal, onde se realizaram um processo educativo utilizando metodologias em formas de oficinas, com temas que atendessem as demandas dos estudantes.

Outra tentativa de um vínculo foi a “Salas de Educação para Jovens e Adultos”, que perpassaram os muros da escola, não se deu somente na escola, pois essas salas de aulas eram dentro dos assentamentos em espaços cedido pela comunidade, com o intuito de diminuir o analfabetismo dentro dos territórios dos assentamentos na parceria do MST e do MEB. Onde o MST entrou com os educadores em parceria com o INCRA fazendo o levantamento dos educandos e das necessidades existente em cada assentamento e, o MEB entraria com a formação continuada dos educadores e materiais didáticos. Os quais contemplava as perspectivas da Educação do Campo, com base em Paulo Freire e com matérias feitos pelo MEB que tratava da realidade local desses educandos, onde os materiais que os educandos recebiam era com assuntos de sua compreensão.

Outro processo educativo que ocorreu demandado pela própria comunidade do assentamento foi o “ Encontro dos Sem-Terrinha”, onde desenvolveu-se práticas educativas respeitando a cultura de um povo, do sujeito camponês valorizando sua terra e identidade.

Recentemente a escola está em processo de superação da educação rural, no sentido de aproximar-se da Educação do Campo, envolvendo os professores da escola em formações continuadas sobre a Educação do Campo.

Concluimos que as práticas educativas não formais fortaleceram o vínculo com o MST, escola e comunidade, procurando sair do formal valorizando os conhecimentos que não estão na escola. Cabe a escola realizar processos educativos que rompam com a lógica da escola rural demandada por uma classe burguesa, e construa-se como uma Escola do Campo.

Enquanto militante do MST e assentada, percebe-se que para muitos e suas famílias a escola é tida como o único espaço onde se encontrar lazer, convivência, conhecimento, criatividade e organização

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Nalva Rodrigues de. Educação de Jovens e Adultos. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.250-257.

CALDART, Roseli Salete. **A Escola do Campo em Movimento**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, p.60-81, Jan/Jun 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.259-267.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO-CONAB, 2017. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/institucional>> Acesso em: 04/ Out/2018.

ESCOLA ESTADUAL FAZENDA ÇÃO BENTO, 2013. Disponível em: <<https://eefazendasaovento.wordpress.com>> Acesso em: 29/Agost/ 2018.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, **O Programa Escola da Família**, 2009. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/subpages/sobre.html?&r=1>> Acesso em: 29/Agost/ 2018.

FERNANDES; Bernardo Mançano. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)** In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.498-502.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, Formação e Territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FILHO, José SOBREIRO. **A LUTA PELA TERRA NO PONTAL DO PARANAPANEMA: HISTÓRIA E ATUALIDADE**. 2012, p 83-114.

FERNANDES, Bernardo Mançano; RAMALHO, Cristiane Barbosa: **Luta Pela Terra e Desenvolvimento Rural no Pontal do Paranapanema (SP)**. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa/** Paulo Freire-São Paulo: Paz e Terra. 1996.(Coleção Leitura)

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação Ominilateral**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.265-272.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS, 2018, não paginado. Disponível em: <<http://www.itesp.sp.gov.br/>> Acesso em: 25/11/2018.

KOLLING, Edgar Jorge; NÉRY, Irmão; MOLINA, Monica Castagna. **Por uma Educação Básica do Campo**. 1999.

MATHEUS, Andrea, PAA e PNAE: programas promissores, mas ainda aquém do necessário. 2011. Disponível em:< <http://boletimmstrj.mst.org.br/paa-e-pnae-programas-promissores-mas-ainda-aquem-do-necessario/>> Acesso em: 04 /out/ 2018.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/pnae-programa-nacional-de-alimentacao-escolar/>>. Acesso em: 04 /out/ 2018.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE, não datado. C <<http://www.meb.org.br/tag/eja/>> Acesso em: 08/Set/2018.

RIBEIRO, Marlene. **Educação Rural**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.293-299.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Impactos Socioterritoriais dos Assentamentos Rurais no Município de Mirante do Paranapanema – Região do Pontal do Paranapanema/S.P.** 2002.

SOUZA, Maria Antônia de. **Á Prática Educativa e a Pesquisa no Movimento Social**. 2005.

TONIOLLI, L. P.; LIMA. D. F. S. **DELIMITAÇÃO DO ASSENTAMENTO KING MEAT, MIRANTE DO PARANAPANEMA – SP. MIRANTE DO PARANAPANEMA – SP**, 2018. (Não publicado).

VERGES, Nivea Massaretto. **AGROECOLOGIA: UMA ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTORURAL SUSTENTÁVEL PARA OS ASSENTAMENTOS RURAIS1**. 2013, p. 237–253.

XAVIER, Claudia, **A Importância do Papel do Professor como Mediador, 2017**, Disponível

em:<<https://googleweblight.com/i?u=https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-rio-branco/a-importancia-do-papel-do-professor-como-mediador/&hl=pt-BR>> Acesso em: 29/Agost/ 2018.